Nome: Alan Renê Maciel Antezana  
Matrícula: 13/0042374

Disciplina: Tópicos Especiais em Filosofia da Linguagem

Universidade de Brasília

**John Perry sobre o Indexical Essencial: resoluções possíveis**

**Resumo:** Este artigo visa apresentar o problema do indexical essencial e suas possíveis resoluções. Primeiramente descreveremos a doutrina clássica das proposições, tal como é apresentado por Perry (2001) e comumente atribuída à Frege (2002). Posteriormente apresentaremos problemas oriundos da inclusão de indexicais em frases e possíveis resoluções destes problemas.

**Palavras-chave:** Filosofia da Linguagem. Proposições. Indexicais.

**Introdução**

Neste artigo buscamos explorar algumas propostas de solução ao problema do indexical essencial. Nesta introdução buscaremos realizar esclarecimentos preliminares à introdução do problema, e, na próxima seção, discutiremos o problema propriamente dito. Na última seção realizaremos considerações sobre as soluções dadas. É comumente atribuída a Frege a noção tradicional de proposição. Perry descreve três critérios relevantes para a identificação desta noção.

1. A crença é uma relação entre sujeito e objeto[[1]](#footnote-1).
2. As proposições portam um valor de verdade absoluto, isto é, invariável.
3. Proposições diversas portam valores cognitivos diversos.

Dentre estes critérios, pode-se citar que (i) a crença é uma relação entre sujeito e objeto, i.e. entre um agente e uma proposição. Deste modo, uma crença seria uma relação binária entre um determinado agente e uma proposição associada a uma *that-clause*, e.g. “Carol believes that she is making a mess”. Podemos também afirmar que (ii) proposições portam um valor de verdade absoluto, ou seja, invariável. Finalmente, (iii) proposições diversas portam valores cognitivos diversos. Com valores cognitivos referimo-nos simplesmente aos conceitos utilizados em uma dada frase. Deste modo, há uma diversidade dos sentidos das palavras usadas para constituir um pensamento, i.e. o sentido frasal. Deste modo, é possível fazer uma distinção entre as proposições expressas por “A Estrela da Tarde é a Estrela da Tarde” e “Estrela da Tarde é a Estrela da Manhã”.

Neste artigo abordaremos exemplos de frases que, embora expressem proposições, não respeitam todos os critérios acima mencionados. Consideremos um exemplo. Um indivíduo crê que (a) “Um compromisso importante de trabalho começa às 14:00”, mas não crê que (b) “Um compromisso importante começa agora”. Em um primeiro momento, o agente crê em (a), mas não em (b), mas quando passa a crer em (a) e (b), o agente se apressa para sair de casa. Aparentemente (b) se trata de uma crença genuína. Consideremos as seguintes frases.

(1) Eu estou fazendo uma bagunça

(2) Este é o caminho correto

(3) O compromisso importante de trabalho começa agora

Se considerarmos (1), percebemos que (1) pode ser verdadeiro se enunciado por alguém que é subsumido pelo conceito expresso por “estar fazendo uma bagunça”. Deste modo, esta frase não teria um valor de verdade fixo, uma vez que pode ser o caso que seja enunciado por alguém que não é subsumido pelo predicado. Isso, por sua vez, fere o critério (ii) anteriormente mencionado, uma vez que não se trataria de uma proposição com valor de verdade invariável. Considerações análogas valem para (2) e (3). As crenças em proposições como as proposições expressas por (1-3) são classificadas por Perry (19XX) como crenças de localização (*locating beliefs*). Estas crenças dizem respeito à crenças relativas a onde se está, quando se está e quem se é.

**1. O Problema do Indexical Essencial**

Tendo em vista o que fora anteriormente dito, poderíamos formular o problema da seguinte maneira. No que cremos quando temos crenças de localização? Levando em conta (1-3), não pareceriam que as frases expressam proposições por si mesmas, uma vez que violam o critério (ii) anteriormente citado.

**1.1 “Doutrina das proposições” (PERRY, 2001)**

Uma resposta possível de um defensor da noção tradicional de proposição poderia ser a de que, ao se ter em mente um determinado predicado, pensa-se a estrutura do predicado como “**α** está fazendo uma bagunça”, sendo **α** um conceito sob o qual somente aquele que profere a frase se subsume. Deste modo, alguém que compreende a frase “Eu estou fazendo uma bagunça” enquanto dita por outrem compreende que esta pessoa crê em uma proposição, não importando qual. Mais especificamente, a proposição constituída pelo predicado insaturado “... está fazendo uma bagunça” anexado ao conceito **α** sob o qual somente aquele que profere a frase se subsume.

Suporemos que ainda seria possível saber qual seria esta proposição, embora não seja aparente. Consideremos o exemplo dado na introdução relativo a um indivíduo que se apressa para conseguir atender a um compromisso de trabalho. Devemos considerar que não é possível explicar a mudança no comportamento de uma determinada pessoa somente ao afirmar um sentido a que somente o enunciador se subsume, ou, no contexto do exemplo, um determinado intervalo de tempo ou instante. Se pensamos que “O compromisso importante de trabalho começa em **α**” e, de alguma maneira, mudamos nosso comportamento, isso só ocorreria se soubéssemos a crença de que o referente de “**α**” é o referente de “agora”.

**1.2 Frege(2002) em “O Pensamento”**

Frege, em “O Pensamento”, leva em consideração frases cujo sujeito é o pronome de primeira pessoa. Ao considerá-las, abarca uma solução próxima àquilo que abordamos na subseção anterior.

Cada pessoa se apresenta a si mesma de uma maneira peculiar e originária, pela qual não se apresenta a mais ninguém. Assim, quando o Dr. Lauben pensa que foi ferido, ele está se baseando provavelmente nessa maneira originária de se apresen- tar a si próprio. E só o próprio Dr. Lauben pode apreender os pensamentos assim determinados.” (FREGE, 2002, p.141)

Deste modo, Frege afirma que existe uma forma pela qual cada pessoa se apresenta a si mesma, e que esta forma é inacessível às demais pessoas. No exemplo, alguém que enuncia que é ferido pensa a si mesmo sob um conceito que só subsume o enunciador. Deste modo, é possível elaborar uma proposição que é pensada pelo Dr. Lauben e ninguém mais.

Em Frege on Demonstratives (1977), Perry aborda esta proposta. A solução fregeana, segundo Perry, consistiu na introdução de sentidos incomunicáveis e privados. Perry (1977, p.490) argumenta contra esta solução, afirmando que, embora aparentemente haja um modo de apresentação privado de uma pessoa para ela mesma, este modo de apresentação não garantir um conceito que subsume somente um indivíduo.

**2. Propostas de Soluções**

**2.1 Proposições *de re***

Uma das possíveis respostas à questão levantada é a noção de crença *de re*. Esta proposta adapta o terceiro critério levantado pela noção tradicional de proposição, i.e. o critério que demanda que diferentes proposições portam diferentes valores cognitivos. A princípio, o terceiro critério foi adotado pela falha ao se substituir termos correferentes no escopo de uma *that-clause* seguida de um verbo cognitivo como “crer”. Deste modo, se levarmos em conta as frases “João crê que a Estrela da Manhã é a Estrela da manhã” e “João crê que a Estrela da Manhã é a Estrela da Tarde”, podemos afirmar a primeira e negar a segunda.

Existem, no entanto, contextos em que determinadas asserções sobre crenças de indivíduos permitem a substituição de termos correferentes com diferentes valores cognitivos. Consideremos o seguinte exemplo.

(1) João crê que o vizinho de Maria é alto

(2) João crê que o filho de Joana é alto

Neste exemplo, João conhece o vizinho de Maria pela sua relação com Maria. Aquele que enuncia (2), no entanto, utiliza-se de diferentes conceitos para se referir ao mesmo objeto, i.e. filho de Joana, e enunciar uma crença mesma de João. Este contexto, por sua vez, parece especificar um caso em que é possível asserir a crença de João descrevendo o referente de ”o vizinho de Maria” de uma maneira diversa. Esta crença de João, a princípio, parece ser uma crença acerca de um determinado objeto, permitindo assim a substituição dos modos de apresentação do referente. Trata-se, portanto, de uma proposição *de re*, ou uma proposição aberta (*open proposition*). Estas, por sua vez, se distinguem de proposições *de dicto*. Ambas são comumente descritas da seguinte maneira:

X crê que y é tal e tal

sse

Existe um conceito a tal que a subsume y e X crê que a é tal e tal (PERRY, 2001, p.150)

Perry, no entanto, afirma a insuficiência desta abordagem ao reformular proposições *de re* em proposições *de dicto*, uma vez que ainda há empecilhos relativos à explicação do comportamento de um determinado agente sem estabelecer a equivalência prévia entre o indexical essencial e o conceito *a* supracitado. Da mesma maneira como

**2.2 A Solução Modal**

Outra solução proposta é relativizar as proposições a mundos possíveis. O arcabouço técnico de uma semântica de mundos possíveis permite estabelecer uma função que parte de um ou mais índices e tem como imagem um valor de verdade. Em uma lógica modal alética, parte-se de uma proposição e um mundo possível para chegar em um valor de verdade.

O aparato técnico da semântica de mundos possíveis permite a interpretação dos índices do domínio de uma determinada função de valoração como aspectos de um contexto de enunciação de uma frase. Poder-se-ia, por exemplo, julgar o valor de verdade de uma proposição em um dado instante. Neste contexto, podemos partir de um dado instante e de um determinado indivíduo para atribuir um valor de verdade a uma dada proposição. Deste modo, seria possível atribuir o valor de verdade correto a uma proposição tal como “Eu estou fazendo uma bagunça”. Deste modo, a proposição seria tomada como verdadeira para um dado indivíduo em um dado instante ou intervalo de tempo.

De fato, seria possível determinar o valor de verdade de uma dada proposição que que contém indexicais. O argumento de Perry consiste no fato de que simplesmente reconhecer uma dada proposição não é suficiente para explicar o comportamento de um indivíduo em contextos específicos envolvendo indexicais. Retomemos as seguintes frases mencionadas na introdução.

1. Um compromisso importante de trabalho começa às 14:00.
2. Um compromisso importante começa agora.

Suponhamos que o indivíduo em questão esteja em casa. Se um indivíduo crê em (a) e (b), é esperado um comportamento específico, isto é, que ele saia de casa para atender ao compromisso. Se o indivíduo crê somente em (a), não há motivos para esperar o comportamento deste indivíduo se assemelhe ao que foi anteriormente descrito.

Deste modo, há uma distinção importante realizada por Perry. Existe uma divergência entre *contexto de crença* e *contexto de avaliação*. O *contexto da crença* é simplesmente o contexto em que o indivíduo crê em uma dada proposição. O *contexto de avaliação* é o contexto em que uma dada proposição é verdadeira. Embora ambas possam se equivaler em um determinado momento, pode não ser o caso que elas se equivalham em determinados contextos. Deste modo, qualquer pessoa pode saber que (a), no entanto, somente uma pessoa que estabelece uma equivalência entre o *contexto de crença* e o *contexto de avaliação* pode crer em (a) e (b). Isso, no entanto, escapa à descrição modal.

**2.3 Proposições com restrições de acessibilidade**

Tendo em vista o que fora escrito anteriormente, é possível conceber uma nova categoria de proposições. Estas proposições, por sua vez, seriam acessíveis somente em determinadas circunstâncias[[2]](#footnote-2). A proposição expressa por (1) “Eu estou fazendo uma bagunça” enquanto pensada pelo enunciador somente seria acessível a este enunciador em um determinado momento. Esta, por sua vez, parece a solução tomada por Frege em “O Pensamento”, segundo Perry (2001).

**2.4 A solução de John Perry**

John Perry sugere a necessidade de estabelecer uma diferenciação entre os estados de crença e as crenças propriamente ditas. Consideremos o principal exemplo de Perry (2001). Se considerarmos um comprador que percebe uma trilha de açúcar no chão no supermercado, e, na intenção de alertar aquele que está fazendo uma bagunça deste fato, percebe que está andando em círculos, pode-se esperar que o comprador perceba que ele mesmo está fazendo uma bagunça.

Deste modo, o comprador deixa de agir de um determinado modo para agir de outro modo, isto é, a crença na proposição “Alguém está fazendo uma bagunça” o faz agir de um determinado modo, mas, ao perceber que “Eu estou fazendo uma bagunça”, explica uma divergência no comportamento.

Consideremos a seguinte frase.

1. Eu estou fazendo uma bagunça

(1), a princípio, descreveria um determinado estado de crenças, segundo o qual seria esperado de um indivíduo que ele agisse de uma forma específica, dado o contexto do exemplo. Isso, por sua vez, não significa que todos os indivíduos que crêem em um em um mesmo contexto creiam numa mesma proposição, uma vez que há divergência relativa aos objetos a que se referem o predicado “... estar fazendo uma bagunça”. Deste modo, Perry propõe que não há “uma identidade, ou mesmo uma correspondência isomórfica entre os estados de crença que alguém endossa e as crenças de uma pessoa”(PERRY, 2001, p.157)

**3. Respostas a Perry (2001)**

**3.1 Cara Spencer (2003)**

Cara Spencer, em “Is there a problem of the essential indexical”(2003), argumenta contra Perry que o problema do indexical essencial seja, de fato, um problema. A princípio, sua linha de argumentação consiste na ideia de que, se há um problema oriundo das crenças indexicais, não se trata de uma divergência em conteúdo proposicional, mas, na verdade, há uma dificuldade na explicação de uma ação se não a justificarmos em termos de crenças de localização.

**3.2 Peter Alward (2009)**

John Alward, em “The Inessential Quasi-indexical”(2003), argumenta contra Perry. Alward apresenta uma noção diferenciada de crença enquanto relação binária que, a princípio, resistiria às críticas tecidas por Perry.

**4. Considerações Finais**

O problema do essencial indexical permanece um problema em aberto. Ainda há, como fora apresentado na seção três deste artigo, resistência relativa à argumentação de Perry. Isso

**Bibliografia**

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

KENNY, Anthony. **Introduction to the Founder of Modern Analytic Philosophy**. Malden: Blackell Publishers,1995.

PERRY. John. Frege on Demonstratives. **Philosophical Review**, v.86, pp.474-97.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. The Problem of the Essential Indexical. **noûs**

1. Sendo este objeto a proposição. [↑](#footnote-ref-1)
2. Esta solução, a princípio, é abordada de maneiras diferentes por Perry em “Frege on Demonstratives”(1977) e em “The Problem of the Essential Indexical”(1979). Em “The Problem of the essential Indexical”(1979), Perry afirma a saída de proposições com restrição de acessibilidade como a saída adotada por Frege em “O Pensamento”. Por outro lado, em 1977 Perry indica a implausibilidade desta solução tendo em vista a descrição do que se chamou de sentido em “Sobre o Sentido e a Referência”, dando especial ênfase ao fato de que, enquanto o sentido fregeano seria, a princípio, essencialmente público, não seria possível conceber algo como a solução dada em “O Pensamento”. [↑](#footnote-ref-2)